

VIVER, A QUE SE DESTINA?

MARIO SERGIO CORTELLA
LEANDRO KARNAL

P A P I R U S  7 M A R E S

>>

P A P I R U S D E B A T E S

A coleção Papyrus Debates foi criada em 2003 com o objetivo de trazer a você, leitor, os temas que pautam as discussões de nosso tempo, tanto na esfera individual como na coletiva. Por meio de diálogos propostos, registrados e depois convertidos em texto por nossa equipe, os livros desta coleção apresentam o ponto de vista e as reflexões dos principais pensadores da atualidade no Brasil, em leitura agradável e provocadora.

Mario Sergio Cortella por **Leandro Karnal**

Ser amigo do Mario Sergio Cortella é daqueles privilégios para eu inscrever na minha lápide. O londrinense é de uma personalidade solar, sorriso sincero, brilhante dono de uma retórica apurada e, acima de tudo, um humanista honesto. Se o filósofo Diógenes de Sinope o tivesse encontrado, teria interrompido a busca com a lanterna. Sua mensagem é clara e construtora de pontes em um mundo de muros opacos. É um democrata. As nuvens se dissipam e a luz aparece quando ele entra em uma sala. Seu discurso busca raízes, de palavras e de pessoas. Há um *daimon* original e forte falando nele, talvez socrático, talvez do Espírito Santo, certamente original e que ajuda a explicar o magnetismo imediato que Cortella provoca naqueles que encontra pelos muitos caminhos que percorre. A causa da educação o eletriza. Como Obelix, caiu em um caldeirão de poção druídica de vitalidade de energia criativa. Viva Cortella! Viva a vida!

Leandro Karnal por **Mario Sergio Cortella**

Karnal é, literalmente, admirável! Gosto demais de vê-lo falar e ensinar, gosto com imenso proveito de ler o que escreve, gosto de conversar com ele e, acima de tudo, da capacidade que tem de encantar com densidade conceitual e ironia sofisticada! Essa também admirável e erudita ironia é tão grande que, gaúcho sendo, e sabendo ser eu paranaense, começa algumas charlas comigo dizendo: “Vocês, do Norte...”.

Fico admirando, admirando! Admirando como ele, por ser historiador, ao ser chamado (para mérito nosso) de filósofo, gentilmente recolhe o afago (ou ataque, brincaria o próprio) e retoma a rota de obreiro da História.

Esse artífice, doutorado pela USP, esteve décadas na docência e na pesquisa, especialmente na Universidade de Campinas (Unicamp), e está esparramado pelo mundo afora com as suas inúmeras e merecidamente repletas palestras, percucientes colunas em jornais e revistas, elegantes e requintados comentários no rádio e na televisão, além da expressiva e contundente presença nas redes sociais e na internet, com multiplicação persistente de seguidores, tornando-se um dos mais reconhecidos (e, às vezes, insultado) formadores de opinião no Brasil.

Claro que publicou muitos e muitos livros, com sucesso abundante, sobre História, Política, Religião, Cultura, Filosofia e outras áreas do saber que nos fazem querer mais saber sobre tudo isso que precisa ser sabido.

Leandro Karnal, historiador por desejo e perícia, adentrou a era contemporânea (antigo isso, não?) em 1963; eu aqui já estava, fazia nove anos, e continuo tendo a regalia de, partilhando a mesma era, poder admirá-lo de perto.

Sumário

“Eu não pedi para nascer”

Livres até que ponto?

Por que algumas pessoas se matam?

O que nos trouxe até aqui?

Dom, vocação ou esforço?

Nada é possível; tudo é possível

Menos inspiração, mais transpiração: Há destino?

Somos quem escolhemos ser

“Eu, por mim”

Glossário

Notas

Sobre os autores

Outros livros dos autores

Redes sociais

Créditos

“Eu não pedi para nascer”

Mario Sergio Cortella – Não sei se você passou por isso na infância, mas toda vez que eu tinha alguma encrenca com meus pais, ou que eles me advertiam, ou me repreendiam ou castigavam até, dizia: “Eu não pedi para nascer”. E minha mãe e meu pai, de uma forma irritante, respondiam: “Nem a gente”. Meu avô provavelmente falava a mesma coisa. Dá quase para ouvir uma volta histórica no tempo em direção ao passado: “Nem eu, nem eu, nem eu”... Sem querer chegar ao primeiro motor de **Aristóteles**, uma coisa curiosa é que a expressão “não pedi para nascer” como justificativa para, estando aqui, não ser responsável por aquilo que se faz – isto é, tudo o que acontece conosco não teria a ver com uma opção nossa, com uma escolha nossa – talvez não seja a primeira crise existencial de uma criança, mas é um ponto de partida para pensarmos a que, de fato, se destina existir se não pedimos para nascer e cá estamos. Você dizia “eu não pedi para nascer”, Karnal?

Leandro Karnal – Eu acho que não tinha espaço para uma crise com meus pais. Elas terminavam antes de chegar a um debate dessa ordem ontológica. [Risos] Mas há uma questão importante no que você diz. Porque não pedir para nascer significando “eu não tenho compromisso” com esse estado de coisas já é algo historicamente determinado por um sujeito autônomo cuja vontade justifica tudo. Já é uma posição histórica, então. Eu não creio que um homem medieval dissesse: “Eu não pedi para nascer”. Por outro lado, justificar a existência a partir de um pedido ou uma vontade é afirmar que o desejo é soberano sobre o universo. Isso implica, no mínimo, um indivíduo bem constituído e capaz de dizer algo do porte: “A vida vale a pena se eu desejei”.

Cortella – Você acha que o Iluminismo trouxe isso?

Karnal – Ainda que **Rousseau** não seja um perfeito exemplo de Iluminismo, acho que a razão, a ideia rousseauniana do homem perfectível, mostra que nós gostamos de errar. Por exemplo, alguém pergunta: “Você vai fazer o curso de dança?”. “É o que eu quero.” Se “eu quero”, esse item volitivo determina tudo. “Eu vou ser feliz.” Ou seja, nós, no Ocidente, a partir do Iluminismo, em particular, e do Romantismo, gostamos de errar por escolha nossa. Se, por exemplo, meu casamento fracassou, fui eu o autor da escolha do casamento. A vida predeterminada de outrora – casamentos e profissões arranjados – poderia diminuir o impacto das escolhas e, por conseguinte, das vontades. Introduzimos maior autonomia nas escolhas e, assim, mais perguntas sobre sentido e liberdade.

Cortella – Acho que temos uma oscilação dentro disso. É claro que, criança, quando falava “eu não pedi para nascer”, não tinha a perspectiva do que vou dizer agora.

Karnal – Já tinha. Você era uma criança preclara, iluminada, precoce...

Cortella – Quem dera! E aí, o gostoso foi, mais tarde, ao estudar Filosofia e outras coisas no campo da História, descobrir nessa trajetória que há uma grande distinção entre o que os antigos chamavam de tragédia e aquilo que mais tarde viria a ser o dramático. Acho que essas duas cosmovisões – a vida como tragédia e a vida como drama – lidam um pouco com isso. Por exemplo, a concepção judaico-cristã da vida é uma concepção dramática. Isto é, nela, a escolha é possível. Quando você fala em relação à possibilidade de dizer que “o meu casamento é assim ou que vou fazer o curso de dança porque assim o quero”, essa é, em grande medida, a narrativa do *Gênesis*: “Fez por quê? Fez porque quis”. A começar da divindade que, na narrativa, diz: “E viu que era bom”. Por que fez? Porque quis fazer. A criação do nada, *ex*

nihilo, vem justamente dessa percepção. Eu tenho sempre uma dificuldade em lidar com o modo como entrecruzamos a visão trágica da vida – isto é, a vida como destino, fatalidade, uma escolha feita fora de nós – e a vida como drama em que somos atores. Acho que essa ideia que mescla um pouco do determinismo com o livre-arbítrio é uma herança que não sei se você entende que é da Reforma, do protestantismo, ou se **Agostinho** foi mais importante nisso lá atrás.

Karnal – Agostinho é importante tanto para reformados quanto para católicos. Cada um lê o Agostinho “correto”. Mas há uma questão importante que você traz: os gregos inventaram a noção de livre-arbítrio e, ao mesmo tempo, inventaram na tragédia um Édipo que tenta, o tempo todo, evitar o oráculo e não consegue. A profecia é clara: Édipo vai matar o pai e se casar com a mãe. Ele passa toda a tragédia tentando evitar isso. E até na busca do bem, querendo saber quem foi o regicida e resolver um crime, Édipo acaba, com essa resolução, se destruindo.[1] Portanto, o grego que traz o livre-arbítrio traz também a noção, como você lembra, de tragédia, de determinação através do oráculo, das moiras, do destino. Mas os religiosos variam, como você sabe bem. Para os espíritas de linha kardecista, ao encarnar, escolhemos a melhor situação para o nosso espírito. Então, eu, Leandro, encarnei como Leandro porque ser professor era o que mais me daria capacidade de crescer. Em condições normais, eu fiz uma escolha por esta encarnação. Para os espíritas, eu pedi para nascer nesta situação. Para os católicos, Deus estabeleceu um plano, dentro do qual existe livre-arbítrio. Podemos atuar nesse plano, que é também o melhor para nós, mas não de acordo com a decisão do nosso espírito. Alguns ramos do protestantismo são mais deterministas ou fatalistas e diminuem o papel da escolha individual. Sempre tivemos dificuldade em harmonizar a onisciência divina e a liberdade humana. Afinal, o que eu posso

escolher se Deus tudo soube bem antes?

Cortella – Quando você diz que podemos atuar, aquilo que é uma concepção protagonista da própria existência dá, na minha percepção, nesse ponto de partida – quer dizer, daquilo que é o próprio cerne mesmo da noção de protagonismo –, a noção de agonia. Acho que, quando trabalhamos a noção de agonia como sendo originalmente a ideia de luta, a percepção, às vezes, é de que passamos a existência agonizando – aí fazendo uma dupla percepção da palavra, isto é, lutando para na vida estar, para dela não sair, mas, por outro lado, enredados também por uma série de variáveis sobre as quais não temos controle. E que isso produziria, de certa forma, desespero. Ou, de outra maneira, a tragédia como você lembrou. Talvez se Édipo tivesse sido alertado de que não haveria alternativa, ou se ele acreditasse nisso, ficasse mais sereno. Em grande medida, a perturbação de Édipo naquilo que você coloca é, exatamente, a incapacidade de poder fazer a autoria daquilo que ele desejava. Ele não fez a escolha. Como é essa ideia do livre-arbítrio que você trabalha para os gregos?

Karnal – É muito difícil porque Édipo traz no corpo – de onde vem o nome dele, do pé furado e inchado, o *Edipus* –[2] a marca da tentativa de assassinato. E essa cicatriz da criança é como uma cicatriz da alma de Édipo – ainda que alma seja um conceito complicado. Édipo tenta, mas se ele soubesse que os oráculos são inevitáveis, cairia em um marasmo absoluto, porque toda ação, no *Édipo*, na *Medeia*,[3] ou até no *Prometeu acorrentado*, [4] decorre de uma escolha de que podemos agir. Todo o moderno conceito de empreendedorismo, toda a noção liberal contemporânea de que o indivíduo constrói sua realidade a partir do seu esforço, enfim toda a base da discussão de meritocracia está na crença racional iluminista de que o indivíduo será capaz de mudar seu destino assim que deixar de ser preguiçoso ou tomar consciência. Essa é uma questão importante, então, porque

vamos discutir aí política de cotas. Vamos discutir políticas de meritocracia a partir de uma concepção filosófica. Afinal, você, Cortella, é livre ou não? Centenas se formaram em Filosofia com você ou na sua época. Só você se tornou uma referência no campo da Filosofia brasileira. É por que você é mais capaz? Por que você nasceu para isso? Por que Deus o chamou? Por que Nossa Senhora do Carmo o confirmou nessa função? Por que o Espírito Santo desceu sobre você? Ou por que você consumiu horas e horas nessa agonia, que também tem raiz desportiva? Afinal, onde os romanos tinham um ginásio para a prática de esportes, como têm até hoje na Piazza Navona, onde fica a Embaixada do Brasil, está **santa Inês** em *agone*, em agonia, em suor.

Cortella – Essa é a ideia do *no pain, no gain*, isto é, do esforço que é meritório, daquilo que, ao final do processo, nos dará o louro porque suamos, sangramos, derramamos lágrimas. É a percepção de que há necessidade de um merecimento. E esse merecimento, em grande medida, viria pelo sofrimento, pela ideia daquilo que é o desgaste, pela luta contínua, portanto, pela própria agonia. Eu acho que marca muito mais a nossa rejeição a ideia de que não somos livres. Podemos até não o ser, mas não queremos não o ser. Quando você descreve parte da minha trajetória, a sua entra na mesma rota. Milhares fizeram os cursos que você fez, no entanto, o local onde está é um local que é seu por merecimento. “Mereço estar aqui, porque eu fiz”, poderíamos dizer. Mas não fizemos sozinhos. Não foi uma única variável que nos trouxe até aqui. Alguma delas ausente talvez não nos trouxesse a esse lugar. No entanto, quem é que dispôs essas variáveis no nosso circuito? No circuito de cada pessoa? Será a compreensão de que há um acaso? Mas aí, ressuscitando **Jacques Monod**, um acaso ou uma necessidade nesse movimento? Isto é, há uma trama, um drama, um trauma que vai se construindo por trás disso e que leva a esse lugar? Ou, olhando de um ponto de

partida biológico extremamente isolacionista e solitário, dentre os bilhões de espermatozoides que correram, você foi um deles que chegou e eu também. E os outros que ficaram eram possibilidades que talvez fossem melhores do que nós. Talvez fossem pessoas mais dedicadas, mais generosas... Quer dizer, essa determinação do onde se chega tem a ver com o que acontece pelo meio, sem dúvida, de onde se partiu, mas ainda não tenho toda essa clareza.

Karnal – Acho que, como pensa **Sócrates** – ou botaram na boca dele – a pergunta é mais importante do que a resposta. Fazer a pergunta correta é a alma da Filosofia, muito mais do que a resposta. Quando perguntamos: “Viver, a que se destina?”, tema deste nosso livro, isso já pressupõe a possibilidade de haver um destino, um *telós*, um ponto que marque uma teleologia, uma passagem daqui para ali. Essa pergunta já mostra uma posição de que talvez tenha que existir um destino, de que talvez seja mais desafiador supor que não há destino algum, sentido algum. Que, se nos esforçarmos ou não, se fizermos ou não, a diferença será mínima, o que é uma posição um pouco mais niilista,[5] um pouco mais afastada de destino final como querem os budistas na sua maioria. Ou seja, e se eu me imaginasse como um acidente, como foi, de uma corrida de espermatozoides e de um óvulo que aquele mês foi liberado do ovário? Porque, se eu tivesse ocorrido no mês anterior, se tivessem descido dois óvulos, seria uma outra história. E tudo isso fruto de um acaso. Acaso em que, muitas vezes, inclusive, a chance da morte me rondou, seja por acidente ou por doença, e eu sobrevivi. Sobrevivi a essa corrida uterina, sobrevivi à infância e a uma série de decisões que foram sendo tomadas, às vezes com minha interferência direta, às vezes sendo uma folha carregada ao vento. Uma noção sartriana de entretecer ou fazer um crochê delicado entre o que tentamos e o nada, o vazio, o absurdo – a nossa tentativa muito cristã e muito

iluminista de dar sentido, de dar direção, de achar propósito. Temos angústia extrema com a falta de sentido e tecemos elaboradas propostas para criar um. Religiões são poderosas – especialmente as monoteístas – na construção de sentido para tudo. Pouca gente convive bem com a ideia de uma existência sem determinação, inteiramente livre e absolutamente sem sentido. Muitos demandam uma onisciência superior que, de forma justa e inteligente, determine tudo ou quase tudo.

Livres até que ponto?

Karnal – Um dos papéis validadores da nossa cultura você identificou muito bem, Cortella: todo mérito é válido se eu me esforcei para ele. Ora, **Mozart** se esforçou para ter sua capacidade musical ou nasceu com ela e seu pai, Leopold, a criou? Se **Einstein** tivesse nascido em outra cultura que não a judaico-alemã, em outra época, seria o quê? Um comerciante de tecidos, um ator, e não Albert Einstein? Qual é, então, o papel dos condicionamentos e da liberdade? Sofrimento garante direitos – esse é um fundo cristão da nossa cultura. Ou seja, se perdi peso, por exemplo, anuncio: é porque não comi doces durante tantos anos. E esfrego isso na cara de quem tem prazer nos doces. Faz parte da nossa tradição supor que o sacrifício confere merecimento: “Fulano é rico, porém trabalhou muito”; “ela manteve o casamento, porém só Deus sabe o quanto fez de renúncia para atingir suas bodas de ouro”. A dor é celebrada como sentido.

Cortella – Eu fui fumante durante 30 anos. E uma coisa divertida é que o ex-fumante tem mais raiva do fumante do que o não fumante, aquele que nunca o foi. Porque aquele que nunca o foi entende o fumante como sendo um doente. E o ex-fumante olha o atual fumante como sendo alguém moralmente fracassado, isto é, um fraco: “Eu consegui e você não conseguiu”. A ideia de um mérito que vem nessa direção marca um pouco isso que você colocou. Isto é, quais são os nossos territórios de manobra dentro dos condicionamentos? O meu livre-arbítrio é livre onde, de que modo, em que condições? Mas agora eu queria dar um outro passo.

Eu moro na cidade de São Paulo numa região onde há uma comunidade judaica extremamente concentrada. Até há alguns anos, boa parte daqueles com quem eu conversava, encontrava no

prédio ou nas ruas eram pessoas que sobreviveram aos campos de concentração durante o horror nazista. Hoje, é claro, pelo tempo passado, são poucos ali os sobreviventes. Mas, quando eu me mudei para São Paulo, vindo de Londrina, esse bairro foi o primeiro lugar em que morei. Depois morei em outros lugares e agora estou lá outra vez. Ficava eu, na época, sentado na praça Buenos Aires – agora é parque Buenos Aires – e sempre parava uma pessoa mais idosa para conversar. Vez ou outra, a pessoa acabava “desabafando”, tirando o abafo, o sufoco de dentro dela, para falar de si. E o que eu mais ouvia eram pessoas que, tendo sobrevivido ao campo de concentração e ao genocídio, perguntavam: “Por quê? Por que eu sobrevivi?”. Isto é, “por que, dentre milhares e milhares que estavam para ser executados, fiquei eu?”. Já li outros relatos semelhantes, mas eu tenho isso como uma experiência pessoal. E eu, na época com 15 ou 16 anos, ficava imaginando que a pessoa com essa angústia tinha uma agonia dentro dela em relação a isto que era: “Será que eu mereço continuar? Eu fui escolhido para sobreviver?”. Porque, se supusermos que fomos escolhidos para sobreviver a um desastre, a um terremoto, ao desabamento de uma barragem, vamos ter que arrumar uma tarefa que dê validade a esse privilégio. Mas tenho uma outra questão também: quem faleceu foi escolhido para falecer? Ou seja, o movimento desse entretecimento de que você lembrava é complexo porque é uma trama que parece contraditória.

Karnal – Porque, na verdade, há questões a decidir sobre este propósito “viver, existir, a que se destina?”. Uma delas é lidar com a dor, lidar com o elemento doloroso da existência, este vale de lágrimas.[6] Essa me parece ser a questão mais fácil. Porque na sua reflexão sobre seus colegas fumantes, sobre os ex-fumantes e meu caso, que nunca fumei, você fala da fraqueza daquele que não abandonou o cigarro. Mas, psicanaliticamente, o

que incomoda a ele não é a fraqueza; é o prazer que o fumante continua sentindo. Prazer que o ex-fumante se negou, prazer que ele teve que sacrificar. **João Ubaldo Ribeiro**, depois de abandonar o cigarro, não conseguia mais escrever e recomendava para seu epitáfio: “Aqui jaz João Ubaldo, que abandonou tudo para poder parar de fumar”. Ao conseguir não fumar, há uma vitória de força de vontade, mas, eu insisto sempre nisso, toda escolha implica perda. Você abriu mão de um grande prazer. É a raiva da pessoa fiel diante do infiel. Ou seja, não é porque seja virtuosa, é porque o outro tem prazeres que ela julga não ter. A renúncia virtuosa pode vir acompanhada de arrogância moral. Continuamos com dificuldade com o prazer em si. O que eu chamo de liberdade ou de força de vontade pode ser, em última instância, só a felicidade de ser superior aos outros. Assim, viver se destina a tentar sobrepujar outras pessoas em realizações e virtudes. Hoje em dia, talvez, seja publicar a felicidade em redes sociais. Alguém fumando é um desafio poderoso: sabendo que causa mal, permanece no hábito, logo o prazer deve ser enorme; como eu não tenho tal prazer, ostento minha moral imaculada, que oculta, na verdade, minha vontade de fazer o mesmo.

Cortella – Mas o número de vezes que o fumante tem prazer com o uso do tabaco é muito limitado. Se eu fumasse um maço por dia, que são vinte cigarros – e no meu caso era mais –, eu teria prazer em dois ou três deles.

Karnal – O resto é o vício e sua dor.

Cortella – O resto é dependência. O viciado não tem prazer; tem dependência. Por exemplo, não sou alcoolista. Tenho prazer quando bebo. Uma pessoa que seja alcoolista não tem prazer; tem dependência. Ela não pode não beber. Por que estou falando isso? Em relação ao cigarro, tenho uma justificativa. Eu não desconsidero que a percepção de um ex-fumante de que o atual fumante é um fraco seja porque, talvez, haja uma inveja daqueles

momentos que quem fuma tem. Isso é verdade. Quando você levanta essa hipótese, acho que existe sim, mais do que uma percepção de que o outro seja fraco, alguma raiva, mesmo que seja pouco aquilo que o fumante consegue e que eu não consigo mais. Mas mostrar a minha vitória sobre algo que é viciante é mostrar que sou um forte. E que, portanto, para usar uma expressão antiga de que nós dois gostamos, não sou pusilânime. Não sou rastejante, pequeno. Eu “venci”. Isso vale no nosso tempo em relação, por exemplo, à questão do corpo, com as dietas. Você tem escrito e falado muito sobre isso, sobre o quanto as pessoas se iludem com a noção de que carregam no corpo um pouco da morada da felicidade em relação à estética desejada. E eu queria retomar exatamente esse ponto. Quer dizer, há uma série de condicionantes. Qual é, então, a nossa margem de liberdade? Eu sou livre porque estou num tempo em que não ser desse modo não é aceitável? Mas estar nesse tempo em que estou não foi uma escolha minha. E se não foi uma escolha minha, o que é minha escolha? Eu caminho em quais trilhas? Quais estou decidindo?

Karnal – Acho que essa é a pergunta central de todo o trajeto da Filosofia que envolve liberdade, determinismo, possibilismo, a ideia de destino e assim por diante. Divergem, como você sabe melhor do que eu, tanto filósofos quanto teólogos, entre mais deterministas e mais possibilistas. Mas eu dizia antes que lidar com a dor é mais fácil do que lidar com a felicidade. Porque a dor nos desobriga. Se nascemos particularmente dotados de dores, sejam físicas ou psíquicas, estamos desobrigados. E a lei acompanha isso, inclusive, abalos psíquicos profundos nos tornam inimputáveis. Quanto mais tragédia temos, mais somos livres. Agora, e se ganhamos tudo para dar certo? E se ganhamos todas as condições? Se a felicidade ocorreu é por que motivo? Como lidar com a felicidade tendo que dar essa resposta? Que é a resposta que, curiosamente, a comédia

não dá, mas a tragédia, sim. Porque a *hýbris*, o desequilíbrio é destino, mas é uma escolha. Medeia poderia não ter se vingado. Juno poderia não ter perseguido Io na peça *Prometeu acorrentado*. [7] Os persas poderiam não ter ido à guerra. Portanto, tudo isso é como lidar com esse grau de liberdade. De novo, é um debate contemporâneo. Liberdade absoluta: “Agora serei magro, agora aprenderei inglês, agora economizarei, agora serei uma pessoa dada a bons hábitos” – há quem consiga isso? Há. Escolhe, então, ser livre quem já é livre ou escolhe ser livre qualquer pessoa? Ou, quem já é livre de verdade? Você, Cortella, abandonou o cigarro, tomado aqui como exemplo de uma dependência física e uma dependência psíquica. Você abandonou o cigarro porque tem mais força de vontade ou porque, por acidente, você é o Cortella? E o que explica o abandono do cigarro explica também sua dedicação aos livros?

Cortella – A própria noção de força de vontade, que é onde se argumenta. Mas, quando retomamos um pouco da mitologia ou das tragédias gregas, essa ideia tinha os seus limites. Édipo foi extremamente dedicado. Assim como quando **Shakespeare** capturou parte daquilo que eram as histórias italianas e fez *Romeu e Julieta*. Olhe o que eles tramaram, o menino e a menina, para que o plano deles desse certo!

Karnal – Romeu diz que ele é um brinquedo do destino.

Cortella – Exatamente. O frade entra no circuito e aquilo não tem alternativa.[8] Isto é, o mau final será o final possível. Quando eu estudava História, tinha um professor que dizia uma frase que você, sem dúvida, conhece bem: “Se, em História, não é ciência; é poesia”. Se **Napoleão** fosse mais alto, se o nariz de **Cleópatra** fosse menor, se os persas não tivessem tentado um combate com os gregos, se eu não tivesse nascido em 1954 e sim em 1934, se, se, se... Essa ideia do *se* em relação à análise serve como iluminador parcial das coisas. Porque não depende de nós.

Por isso, gostei demais quando você levantou: “Será que quem exerce a liberdade o faz?”. Exatamente porque já o é. E quem deseja sê-lo não consegue porque tem aquilo no campo do desejo e não no da prática. Ainda assim, a sombra da tragédia paira porque é absolutamente difícil de lidar com a ideia de que alguém esteja no lugar na hora de um desastre, na hora de um evento. E aquilo não tem a ver com uma escolha nossa, não é?

Por que algumas pessoas se matam?

Cortella – Não sei se você se lembra, há alguns anos, uma pessoa passava pela avenida Paulista, quase na esquina com a Haddock Lobo, onde tinha uma obra em construção, aliás, de uma escola jesuítica.[9] Um guindaste desabou lá do alto e caiu sobre a pessoa que estava passando, a matando. E eu me lembro de que estava participando de um programa de rádio na época e o apresentador me perguntou: “Cada um tem a sua hora? Aquela era a hora da pessoa? Qual é a justificativa que você dá?”. Meu pai, que já faleceu faz bastante tempo, brincava com uma coisa ótima, que é assim: imagine o estádio do Pacaembu lotado, 60 mil pessoas, a pomba vem e faz cocô na sua cabeça. Se lançarmos mão da Filosofia, diremos que havia ali uma “simultaneidade de presenças”: você, a pomba, o estádio, o dia. Mas isso não explica.

Karnal – Não, mas é o nosso Narciso[10] que determina que vejamos em nós a centralidade do acontecimento. Ou seja, “por que sobre mim?” pressupõe que o “eu” é tão central que cremos que, acontecendo algo de ruim conosco, é um azar extremo e que, se paramos um minuto antes e o guindaste caiu, Deus nos salvou. Quando é contra nós é um azar extremo, e quando é a nosso favor é um benefício extremo. É a grande questão do homem que perdeu o voo que se acidentou aqui em São Paulo tragicamente naquele 17 de julho.[11] Ele perdeu o voo em Porto Alegre, não embarcou por causa de um problema com seus documentos. E ele disse: “Deus me salvou”. Pergunto, então: quem matou os quase 200? Mas nunca nos preocupamos com o fim dos outros. Estamos sempre centralizados na nossa explicação: “Por que, justamente comigo, houve o bem ou houve o mal?”. “Por que”, tal como você lembrou, na memória dos sobreviventes da *Shoah*,[12] “eu sobrevivi?”. E sobreviver inclui dar à vida a ideia de missão, que é

uma postura tipicamente religiosa. Às vezes, ela é política. Entre um militante político e um religioso há uma semelhança muito grande. Ambos têm livro sagrado, ambos têm paraíso, ambos têm uma utopia. Ambos acreditam em missão e em certa “marcha necessária” da História. Somos egocêntricos no sentido da palavra: tudo gira ao nosso redor e por nossa causa. O religioso pode acreditar que Deus se ocupa dele dia e noite e um militante político pode pensar que está ao lado de uma “consciência superior” e iluminada. Ambos convertem, pregam e gostam de bando.

Cortella – Têm rituais, têm um clero...

Karnal – ... têm excomunhão, têm perseguição e violência. Então, nesse caso, eu acho que a vida tem um sentido. E um sentido próprio. Mas eu tenho uma inclinação muito grande pela juventude das ideias do existencialismo e do absurdo. Talvez aquilo que diz, por exemplo, *O estrangeiro*[13] Meursault, quando atira no árabe na obra de **Camus**. Ele dá vários tiros sem ter motivos para isso.

Cortella – Ele tem, e bem entre aspas: “A areia está muito quente. E o sol está forte”.

Karnal – A areia está quente, o sol está forte, ou seja, não são motivos suficientes nem lógicos. Mas talvez sejam os grandes motivos da existência: sensoriais, passageiros, acidentais. Totalmente aleatórios. Randômicos, para usar uma palavra de que gostamos muito hoje. Por que Meursault se torna um assassino? A frase central dele é: “Tanto faz”. Quando sua namorada o pede em casamento, ele diz: “Tanto faz”.

Cortella – Você sabe que uma das coisas mais impressionantes para mim, nessa obra de Camus, é o final, a serenidade com que Meursault aguarda na cela a hora da execução. E ele tem até um certo prazer ouvindo os gritos, a

irritação da turba...

Karnal – Ele deseja isso.

Cortella – Sim, ele tem aquilo como sendo um sentido. Eu acho que esse niilismo de Meursault – no caso, de Camus – tinha seus limites. Quando Meursault se regozija com aquilo que a multidão deseja, que é a morte dele, talvez ele se alegre porque ganhou ali um sentido, isto é, animar a turba. Quando Camus trabalha essas noções todas, especialmente a temática relacionada à vida inútil, ele toca no tema do suicídio, que é uma das coisas que mais me intrigam. Eu li uma frase há alguns anos que diz o seguinte: raramente temos notícia do suicídio de um mendigo. Raramente. No dia a dia, ouvimos falar de alguém como você e eu, que decide tirar a vida por conta de discussões, do amor, da política, da perturbação mental, mas, dificilmente, isso acontece com a pessoa mais despossuída, mais sofrida, o homem de rua, aquele que não tem propriedade, não tem lugar, não tem acolhida, que tem dores. A grande pergunta é: por que os mendigos não se matam?

Karnal – Ou tantas pessoas que teriam motivos concretos para o suicídio. Vamos excluir disso as pessoas que se orientam para o suicídio a partir de uma doença grave, que escapa ao controle delas, chamada depressão. Vamos excluir essas pessoas. Vamos pensar nos seres que não estão atacados da doença depressão, que não sofrem de algum distúrbio mental enorme que os separa dos outros na maneira como percebem o real. Na verdade, vamos pensar, por exemplo, em suicidas intelectuais, que são frequentes. Desde **Sêneca** até **Stefan Zweig**, autor judeu austríaco que se refugiou em Petrópolis e lá escreveu o livro *Brasil, um país do futuro*.^[14]

Cortella – Ele e a esposa se suicidaram.

Karnal – Ele e a esposa em um pacto de suicídio. Por que

alguém, ao encontrar o paraíso, como no caso dele, no paraíso decide tirar a vida? Por que ele viu o horror do holocausto? Por que ele viu toda a política da década de 1930 para 1940? Você testemunhou, assim como eu, que há pouco tive contato com vários sobreviventes de campos de concentração, que quem olha para a Medusa,[15] às vezes, sai transformado com grande amor à vida. Outros saem muito “pesados”. Mas há quem saia muito feliz, muito tranquilo por ter sobrevivido, mesmo se perguntando por quê. Todos nós somos sobreviventes. Quer dizer, somos sobreviventes de balas perdidas, de acidentes de trânsito que, em maior ou menor grau, quase todo mundo já sofreu. Somos sobreviventes de acidentes pessoais, de escolhas erradas. É uma pergunta muito difícil: o que justifica viver, afinal? Mas eu acho que as perguntas metafísicas – eu sei que é criticável essa expressão, ela não é aristotélica –, como “o que é o destino da vida?”, são feitas somente depois que as necessidades básicas estão satisfeitas. Porque, primeiro, temos que nos alimentar. E quem está buscando comida desesperadamente não tem pensamento. Para usar um exemplo muito caro a um amigo nosso, **Clóvis de Barros Filho**, se você está com uma diarreia gravíssima e quer atingir o banheiro como um nirvana supremo, como o Santo Graal mais buscado, é pouco provável que, premido pela força de um intestino que claudica, pense: “Qual será o sentido da vida? Afinal, por que eu existo?”. Porque a necessidade imperativa, aquilo que seria na pirâmide de Maslow[16] o mais forte, essa necessidade está impulsionando e ocupa todo o seu ser. Ocupa todo o seu ser a fome, ocupa todo o seu ser a diarreia. Então, acho que, resolvidas essas questões primárias, chegamos a uma questão secundária e passamos a falar de padrões abstratos, como, por exemplo, pensar no sentido da vida.

Cortella – Quando você cita Stefan Zweig – aliás, uma coincidência histórica é que ele era austríaco e **Hitler**, quem o